



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse.
www.jornaldocomercio.com/agro



‘Prioridade zero é resolver o endividamento’

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Anunciado como futuro secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, Paulo Herrmann chega ao governo Luciano Zucco (PL) depois de mais de quatro décadas de atuação no setor privado. Ex-presidente da John Deere no Brasil e ex-CEO da Fiergs, o engenheiro agrícola considera o endividamento rural o principal obstáculo à recuperação da produção gaúcha.

Jornal do Comércio - O governador eleito Luciano Zucco fala em transformar a irrigação em política permanente de Estado. O que o senhor pretende fazer de diferente do que já existe?

Paulo Herrmann - Eu ainda não tenho nenhum plano desenhado, então vou falar o que o Paulo pensa, não o secretário. Acho que o primeiro problema, prioridade zero, é enfrentar o endividamento. Sem isso, você pode desenhar o que quiser. Na hora que o produtor chega na boca do caixa, ele não consegue pegar o recurso. Além disso, ataca a autoestima das pessoas, coloca todo mundo para baixo, vira um ambiente altamente negativo e pouco produtivo. Vou me empenhar, juntamente com todas as forças do Estado, políticas e empresariais, para avançarmos nessa discussão. Sem resolver isso, teremos muita dificuldade de motivar os produtores a buscar a recuperação.

JC - O governo estadual tem condições de agir diretamente sobre esse endividamento ou a solução depende principalmente de Brasília?

Herrmann - Não temos as melhores condições para abrir uma discussão de R\$ 100 bilhões ou algo assim. Mas ainda estamos no calor das eleições. A poeira precisa baixar, teremos um Congresso novo e vamos precisar usar as melhores forças que temos para buscar uma saída. Não interessa a ninguém um Estado parado, travado, com agricultores sem perspectiva.

JC - Mas Zucco será um governador de oposição ao presidente Lula. Como imagina essa relação com o governo federal?

Herrmann - O governador disse que é um homem do diálogo, que uma coisa é a campanha política e outra é o mandato recebido da população. Eu acredito no diálogo. A iniciativa privada faz isso o tempo todo. No que pu-

der ajudar, trazendo minha experiência do mundo privado, vamos sentar e conversar. Se não dermos condições de produção, o Estado perde e a União também perde.

JC - E, pensando nas condições de produção, como pretende enfrentar os efeitos das estiagens?

Herrmann - As mudanças climáticas vieram para ficar. Temos que conviver com isso e aprender a mitigar os riscos. Do ponto de vista agrícola, o solo é uma caixa-d'água. Toda chuva que cair precisa ser absorvida. Nós temos uma precipitação de cerca de 1.700 milímetros por ano. É muita água. Nosso problema não é a falta de água, é a água mal distribuída. Só que, por anos de plantio direto e pisoteio de máquinas, criamos uma camada compactada que não permite a passagem da água. Quando chove muito, o solo encharca rapidamente e o restante da água vai embora, levando terra e assoreando os rios.

JC - Como enfrentar essa compactação? E onde entra a irrigação?

Herrmann - Quando voltarmos a ter capacidade de investimento, precisamos criar um programa de descompactação dos solos. Temos que romper essa camada compactada, por meio de equipamentos que, inclusive, são fabricados pela nossa indústria de máquinas agrícolas. Assim, permitimos que a água infiltre no solo e que as raízes se desenvolvam em profundidade. A irrigação é importante, mas é o próximo passo. Se eu não remover essa camada impermeável e colocar água, ela também vai escorrer. Não dá para construir a casa pelo telhado.

JC - E o seguro rural? Como ampliar a cobertura, especialmente para os pequenos produtores?

Herrmann - Seguro rural é diferente de seguro de carro ou de casa. Quando você tem um



Paulo Herrmann foi o nome escolhido para assumir a Agricultura no RS

acidente de carro, normalmente envolve um ou dois veículos. Na agricultura, estamos falando de problemas coletivos. Uma seca não atinge uma propriedade só, atinge uma região inteira. As seguradoras precisam recorrer às resseguradoras e, quando se coloca tudo isso na conta, o custo se torna muito elevado. Poderia chegar a dez ou quinze sacos de soja por hectare. Ninguém vai fazer. Então, quando discutimos seguro rural, partimos do pressuposto de que quem vai pagar a conta é o governo central. É uma discussão muito mais política do que técnica. Não estou dizendo que seja inviável, mas, se o custo não for bancado pela União, ninguém tem condições de fazer.

JC - Além do endividamento e do seguro, que outros problemas o senhor considera prioritários?

Herrmann - Precisamos olhar a armazenagem do Estado. Também temos que resolver a falta de milho. Estamos importando todos os anos milho do Paraguai, da Argentina e do Paraná. Como não temos uma segunda safra de milho, isso limita nossa capacidade de ampliar a produção de frangos e suínos. Precisamos trabalhar com a biotecnologia para ver como enfrentar essa questão. Na pequena propriedade, temos que explorar o turismo rural. Mas não adianta só falar em turismo. É preciso ajudar o produtor a financiar melhorias na propriedade, para que possa receber visitantes e cobrar pela estadia. Há muita coisa a fazer, mas tudo passa por recursos e pela capacidade dos agricultores de obter financiamento.

JC - Há espaço para desen-



Quando discutimos seguro rural, partimos do pressuposto de que quem vai pagar a conta é o governo central

volver novas atividades agrícolas no Rio Grande do Sul?

Herrmann - Principalmente na Metade Sul, que eu represento porque sou de lá. A Metade Sul é uma nova fronteira agrícola brasileira. Temos cerca de quatro milhões de hectares que podemos explorar de maneira mais efetiva. Há o programa Duas Safras, da Farsul, trabalhos da Embrapa com drenagem dos solos e a possibilidade de ampliar a produção de oliveiras. Também precisamos agregar valor aos nossos produtos. A carne do Pampa, por exemplo, tem uma qualidade excepcional. Vamos criar um selo feito no Rio Grande, para diferenciar e qualificar essa produção, trabalhando com o conceito de agregação de valor e denominação de origem.

JC - O senhor vem de uma carreira na iniciativa privada. Como pretende atender produtores com realidades tão diferentes, desde a agricultura familiar até as grandes propriedades?

Herrmann - Acho que essa divisão entre agricultura familiar e empresarial tem muito de ideo-

logia. Na verdade, temos a pequena produção, que precisa de valor agregado, e a grande produção, voltada às commodities. Um produtor com cinco hectares, como meu pai tinha em São Lourenço do Sul, não vai conseguir viver plantando soja. Mas pode produzir morango, aspargo, produtos de maior valor. Eu mesmo plantei essas culturas. Precisamos tratar cada região de acordo com suas características e aptidões. A Embrapa e a Emater podem ajudar muito nisso.

JC - Isso significa trabalhar com políticas diferentes para cada região?

Herrmann - Exatamente. Esse vai ser meu foco. Cada região será tratada como se fosse um país. O Rio Grande é grande. O Norte é uma coisa, a Serra é outra, o Litoral é outra, o Pampa é outra. Cada região tem uma característica de produção e de produtor. Não vou plantar oliveira em Cruz Alta ou Passo Fundo, onde posso produzir soja. Vou plantar oliveira em regiões como Pinheiro Machado, Caçapava do Sul e Bagé, que têm condições mais adequadas. Temos que explorar essas diferenças e buscar produtos de maior valor agregado. Não temos como competir com Mato Grosso em volume de commodities, nem quero.

JC - Ao assumir a pasta, pretende deixar suas atividades de consultoria e participação em conselhos empresariais?

Herrmann - Tenho que deixar. Não quero nenhuma mancha na minha gestão. Conflito de interesses não é comigo. Vou me dedicar exclusivamente aos desafios da secretaria. Da minha consultoria, inclusive, vou me desligar. Talvez mantenha um programa de mentoria de jovens agricultores, o Young Farmers. Estamos na segunda edição, com oito jovens no Canadá, e tivemos 18 no ano passado. É um programa de desenvolvimento de lideranças, de contato com outras culturas e aprendizado de uma nova língua. Não vejo conflito nisso. Precisamos renovar as lideranças do nosso Estado.

JC - Haverá mudança na equipe da Secretaria?

Herrmann - Ainda não recebi a pasta da transição. Não coloquei os pés na Secretaria e não tenho um plano definido. Mas, nos contatos que tive, encontrei gente muito boa. E quero dizer que vamos manter essas pessoas. Não vou fazer uma revolução, não é terra arrasada. Não há motivo para isso, nem tempo.



As mudanças climáticas vieram para ficar. Temos que conviver com isso e aprender a mitigar os riscos